

Um mal
doméstico.
Crítica do visco.

Fernando Poeiras

Para a Lina e o João
porque, como escreveu Adília Lopes,
“O Inferno são os outros mas o Céu também”.

Introdução

Começamos por apresentar o drama e as suas personagens. O drama é difícil de circunscrever porque é próprio do visco multiplicar e dispersar ações, ou, como se diz popularmente “pôr as pessoas a rabear”. Mas, no nevoeiro de mini-ações (desorientadoras), é possível encontrar um fio condutor da ação viscosa: *a produção e captura das fraquezas humanas*. As personagens do drama são a vítima, o viscoso e uma comunidade. Tentemos, numa crítica alegre¹, conhecer o comportamento viscoso em algumas das suas estratégias manifestas, atenuando a sua conveniente dissimulação², e compreender que necessita de uma determinada forma de sociabilidade cúmplice³.

A metáfora do visco no quotidiano

O uso da figura de estilo é sugestivo da nossa pré-compreensão do visco e do pequeno alarme que gera. A metáfora sugere uma secreção (a baba, a gosma, o veneno), com uma densidade significativa, que cola (o visgo), mas que também é escorregadia (os animais de pele viscosa), e “caçar com visco” sugere a imobilização e, potencialmente, a destruição da vítima. Obtemos, numa imagem sinóptica, uma *secreção informe que aprisiona, por dentro e por fora, e que nos resiste, tanto na sua densidade elástica como na sua untura escorregadia*.

O uso da metáfora no quotidiano indica também um excesso de sentido que seria necessário “metaforizar”: um excesso em relação à norma dos relacionamentos e que funciona em vários planos da existência.

Primeiro aspeto: antes do visco se tornar humano pela metáfora, ele é *animal* (ou vegetal). Pensamos, comumente, na serpente ou na aranha, e sempre no verme, como animais viscosos. O que significa que essa forma de relação é imediatamente denunciada como “inumana”. O visco desloca-se assim, por “defeito”⁴, dos limites da relação “humana”, i.e. de uma imagem que possuímos do Homem.

Segundo aspeto: o visco *resiste* à mobilidade “normal” dos relacionamentos, o que é também imediatamente indiciado pela metáfora: “cola-se”, “resiste” e “envolve”. Estes aspetos são dados, antes de mais, numa experiência anímica, num efeito sobre o nosso “*sentir vital*” – um território existencial privilegiado pelo visco. O visco faz sentir mal, o que não é negligenciável. Mas, a essas ações (anímicas) correspondem ações sobre o campo de ação de outrem, um plano “político”. São ações que se estendem à norma dos relacionamentos, democráticos, ou seja, agonísticos⁵, impedindo-os. Um exemplo: o “colar” e o “envolver” têm como traço comum impedir o agonismo na sua mobilidade, ou seja, impedem tanto a reciprocidade das relações como a transformação das subjetividades.

Terceiro aspeto: no limite, o visco visa uma destruição, por definhamento e enfraquecimento, do outro. (Seja pela ação do veneno, ou por se ter debatido no visgo). Assim, um outro traço que constitui o visco é ser uma forma particular de fazer mal pelo definhamento e enfraquecimento.

No conjunto destes três aspetos, desenha-se um campo de ação vasto, insidioso e múltiplo, que alcança várias regiões da nossa existência, tais como as condições da nossa própria “saúde” anímica, mas, também, por exemplo, o exercer de um diálogo. Pode mesmo atingir a imagem do humano.

A metáfora do visco permite-nos começar a compreender que o visco é: a) uma “relação” múltipla, que se distribui em diferentes estratos da nossa existência, o que a torna caracteristicamente invasiva e disseminada; b) de captura e “definhamento” oblíquos; c) possuindo a ambiguidade e operatividade da armadilha; e d) caracterizada – simultaneamente – pela densidade e evasividade. Conservando presente os sentidos abertos pela metáfora, exploremos agora, como Teofrasto, as ações e as palavras do visco, recolhidas no real e na ficção; e, nesse caminho, além do reconhecimento do comportamento e tipo viscoso, talvez possamos compreender melhor as relações humanas em que se insere.

Envenenar

Talvez o ato do visco mais reconhecido vulgarmente seja o de “envenenar”. Temos dificuldades em delimitar a sua ação; estamos novamente no campo das metáforas, e, sintomaticamente, na resistência do visco a um regime de clareza. Obviamente, é uma forma de fazer mal a alguém. Uma forma subtil e muito variada de fazer mal.

O veneno exprime-se normalmente na língua insidiosa e vaga das alusões e insinuações que provocam uma reação anímica de perda de força – o seu campo de ação por excelência. É assim que vulgarmente o reconhecemos: re-agindo-lhe animicamente; e é esse o seu primeiro propósito: “curto-circuitar” a ação numa reação, no plano anímico: ser enfraquecido. Geralmente, ainda, o “veneno” pode consistir numa forma mais articulada da maledicência: uma insinuação que instala des-confiança geralmente através de uma deturpação degradante, (maligna e não apenas maliciosa). Assim, Iago insinuará sobre a mulher de Otelo: “Moeda falsa. Vinho feito de uvas”⁶.

O veneno pode ser mais subtil na reação, persistente e diferido na ação. Vejamos outro comentário de Iago: “(...) eu insinuarei aos ouvidos do Mouro a suspeita envenenada (...).”⁷ E mais tarde:

“Já o Mouro se sente alterado com o veneno que eu lhe propinei. As ideias funestas são por natureza venenos que, a princípio, apenas têm gosto desagradável, mas que depois de haver, ainda que seja pouco, atuado sobre o sangue, escaldam como minas de enxofre.”⁸

Podemos encontrar algumas características do veneno: a) não se trata apenas de “picar” o outro em determinados pontos sensíveis, mas de infiltrar vulnerabilidade (ideias funestas, como diz Iago, ou pensamentos tristes); b) o veneno operará assim no tempo – torna-se um processo; c) visando uma reação de efeito mais persistente: não (apenas) ser afligido mas ficar afligido. Assim, o veneno saturará a subjetividade; d) instaurando um desequilíbrio orgânico: não apenas a passionalidade se substitui à razão, como classicamente se diz, mas todo o “sistema” de uma subjetividade é decomposto ou distorcido; e) e, por fim, neste caso, foi-se envenenado contra uma terceira pessoa (é próprio do visco intrigar). “Envenenar” é a característica mais frequente do visco, e aquela que melhor exhibe todas as características anteriormente apontadas. O veneno serve, sobretudo, à deteção e à produção de fraquezas. Detenhamo-nos neste aspeto fundamental da ação viscosa.

Produzir e capturar fraquezas

Nas suas cartas-confissão a Valmont, a Marquesa de Merteuill escreve:

“...eis uma verdade que a Antiguidade parece ter conhecido melhor do que nós, e da qual a história de Sansão poderia ser uma engenhosa alegoria. Nova Dalila, empreguei sempre, como ela, o meu poder em surpreender esse importante segredo.”⁹

Dalila, como Iago, é um modelo da subjetividade viscosa para a compreensão. A nova Dalila permite compreender melhor um aspeto do visco, já presente no envenenar: a centralidade da ação viscosa encontra-se no oportunismo da produção e captura das fraquezas humanas. A medida do que se pode é a medida da impotência de outrem.

Carências, defeitos, falhas, faltas, debilidades, vícios, fragilidades e vulnerabilidades compõem parte da extensa diversidade das fraquezas humanas, e todas são usadas numa relação de poder característica. A medida das fraquezas (acumuladas) dos outros fornece a medida da sua capacidade de poder – portanto, é preciso entesourar¹⁰... Com Dalila – e a descoberta de um limite da sua capacidade de poder – estamos já longe da estratégia reativa – a curto ou longo prazo – do veneno.

Tratando-se de uma relação de poder, no caso o desejo de “ter o outro nas mãos”, trata-se também de uma certa capacidade relacional, o que implica o poder do outro, e, portanto, o de poder fazer enfraquecer. E semelhante relação não pode deixar de fazer florescer as duas qualidades superiores do visco: a astúcia de capturar fraquezas e a prudência de não exhibir as próprias. Assim, a figura extrema, perversa do poder será o impasse da comunidade de lobos. O “impasse” é a forma violenta, frágil e fraca, mas niveladora, que estabelece uma “igualdade” possível, implicando, contudo, a sujeição de todas as ações não à liberdade mas às cadeias de uma necessidade. “Quem tem telhados de vidro não atira pedras ao do vizinho”, resume e adverte uma certa sabedoria popular (do) frágil.

Assim, embora seja uma relação de dominação, distingue-se do modelo da dominação proposto por Weber, a relação de mando e obediência, e aproxima-se das formas oblíquas de dominação moral, analisadas por Nietzsche¹¹ (sem se limitar à esfera moral, como já vimos. O inventário das fraquezas pelo viscoso é muito mais extenso e cobre diferentes planos da existência). Mas o aspeto moralista, não exatamente moral, do visco, é-lhe essencial. Ligações perigosas, mais sociológico do que Otelo, vai longe na apresentação de um modo caracteristicamente moralista de pensar, sentir e agir.

O moralismo volúvel

O moralismo estabelece a prioridade de determinados sistemas de valores, no caso, os valores socialmente codificados nos preconceitos sociais. Como viu Arendt, não há (“boa”) sociedade que não os possua; mas, isso significa que o moralismo se adapta facilmente às diferentes formas de “boa sociedade” fechada¹², e muito menos à forma aberta do mundo, ou à forma “amundana” da moral ou individual da ética. Porém, o visco move-se oportunamente entre diferentes quadros moralistas.

O moralismo volúvel permite, para além da produção e captura de fragilidades diversas (o que um único quadro moral não permite), que ela seja permanentemente reinterpretada: agravada ou desagravada – consoante o quadro moral que se utiliza. É essa volubilidade que é entrevista na expressão “sem coluna vertebral” aplicada ao viscoso. O visco produz uma determinada densidade que se opõe sempre à desejável fluidez e atrito das relações, mas, também opera na regulação dessa densidade. Muitas estratégias são utilizadas: desde modos de dramatização dos acontecimentos ou, estratégia frequente, construir máquinas de interpretação que produzem o inacabamento e a não delimitação de uma palavra, evento ou ação (o visco aninha-se no que é sombriamente vago e inacabado e no indefinível, e, claro, na esfera privada que é por natureza obscura¹³). Assim, o fio mais ténue de uma relação pode ser agravado, ou, quando necessário, rapidamente liquefeito. O sistema de regulação interior ao visco é pouco notado, mas é uma das condições que permite ao visco escapar-se e simultaneamente aprisionar, de acordo com a oportunidade circunstancial. Por isso, não é invulgar a oscilação entre muitos sistemas de valores antagónicos; por exemplo, tão depressa o quadro interpretativo é a “vida pagã” como a “virtude católica” - o humor fornece-nos um antídoto quase suficiente para tamanha volubilidade moralista.

Um jogo de obscuridade: degradar a interioridade

Fazer enfraquecer e definhar, apesar de ser uma relação de dominação, é, ainda, uma relação de poder, ou seja, é um exercício de poder entre agentes livres. Mas é um jogo de forças particular. Michel Foucault, num texto célebre, *Le pouvoir, comment s'exerce-t-il?*¹⁴, apresentou as características do exercício relacional do poder. Anotemos alguns traços comparativos.

O agonismo – norma “democrática” dos relacionamentos - é substituído por um aprisionar, ou, mesmo, por uma guerra insidiosa (o que é já uma dificuldade, até porque pode não se ter apercebido que estava em guerra). A reciprocidade –

o jogo interno da relação - é substituída pela ação indireta e unilateral. (O visco joga preferencialmente bilhar nunca ténis. O que oferece outra dificuldade na medida em que a regra do jogo poderá já nem poder ser definida de forma imanente pelas ações dos atores diretos). Por fim, o alvo da ação viscosa não é tanto a ação, mas, sobretudo, o agente. Trata-se de debilitar o agente, e, sobretudo, o agente "interior". O visco é, assim, um jogo de força que se realiza (idealmente) entre duas, ou mais, "interioridades". O poder exerce-se privilegiadamente sobre a interioridade da vítima, o que exige um conjunto de técnicas obscenas - não há palavra que o suavize - de "entrar pelas pessoas dentro". A procura da ação sobre a "interioridade" não se limita ao diagnóstico e captura de vulnerabilidades interiores, e, claro está, das outras fraquezas. Tem ainda lugar também toda uma estratégia de construção de uma "interioridade" como o "verdadeiro Eu" da vítima¹⁵, que tem como primeira consequência a desvalorização das manifestações exteriores. Há sempre uma interioridade "por trás" a sondar e interpretar... e depois outra e outra...até chegar à desejável "firmeza" de uma interioridade degradada.

Como vimos, o visco faz todo um inventário das fraquezas sobre os diversos territórios da existência da vítima, mas sempre de modo característico. Todas servem para uma estratégia de dominação por debilitação do outro; e, neste ponto, as palavras de Merteuill não fazem justiça aos seus atos, são privilegiadas as vulnerabilidades por oferecerem melhor acesso à interioridade da vítima¹⁶. (O visco é, deste ponto de vista, manifestamente "psicológico"). As vulnerabilidades - a irracionalidade dos medos e sentimentos negativos - serão mais exploradas pela sua natureza, e na medida em que dispensam, para ocorrerem, qualquer facto ou tangibilidade do mundo. Assim, as inseguranças (físicas mas também interiores, ou a opinião dos outros), os medos (do futuro ou da morte), e muitas outras fazem parte dessas vulnerabilidades a que todos estamos eventualmente sujeitos mas que só verdadeiramente excitam a argúcia (psicológica) dos referidos personagens.

Desiludir globalmente

Vimos já como um certo mal, o enfraquecimento do outro, começa por ser, de forma nem sempre clara, a "natureza" e o "substrato" dos relacionamentos viscosos: de forma oblíqua e oportunista produzem-se e capturam-se fraquezas. Mas, o caos da desilusão global, ou delusão - na expressão de Colin McGinn - enquadra-se já numa forma planeada de fazer mal. Seguiremos, em parte, a análise de McGinn. O que nos afasta deste autor é ele reduzir esse mecanismo

a uma psicotécnica (interior)¹⁷. Antes de mais, porque para que o processo – o caos da desilusão global - aconteça o indivíduo precisa de ser arrebatado ao mundo – isolado - e que posteriormente se reconheça inapto para o mundo – “inutilizado” e desmodalizado. Qualquer uma das experiências exige uma certa relação com o mundo: primeiro, de privação; depois, de desilusão global. Conhecemos o efeito, “lixaram-nos a cabeça” ou “o juízo”, procuremos então, com o autor, compreender o processo.

Quem “lixar a cabeça” à vítima pretende enganar mas, sobretudo, pretende fazer com que esta se sinta mal, e ainda pode pretender a desintegração da individualidade da vítima. As palavras de Otelo “Aquele que foi Otelo sou eu” não são de facto exageradas; vítima do caos da desilusão global, de algum modo a sua individualidade foi liquidada.

O aspeto significativo que lhe confere um carácter particularmente destrutivo é essa “globalidade” caótica. Como escreve McGinn: “Não se trata da substituição casual de uma crença por outra, mas de uma mudança sísmica na conceção do mundo.”¹⁸ Esta modalidade do caos destrói a compreensão que o indivíduo possuía do mundo e também o modo como se inseria no mundo, e, acima de tudo, destrói o órgão que usamos para nos orientar no mundo: o juízo. O caos da desilusão global tem pois como consequência global incapacitar o indivíduo para se orientar no mundo, destruir a capacidade de julgar, de diferenciar e de se orientar. Como funciona? Obviamente, conquistar a confiança e “amizade” de alguém é o primeiro passo; passo que precederá a traição. Mas o objetivo é mais vasto e insidioso.

Através dessa confiança, o perpetrador poderá também manipular mentalmente a vítima para construir o logro da situação e da ação. É assim necessário distorcer a perceção e os sentimentos, a compreensão e o juízo, i.e. adequá-los ao logro, (torná-los inadaptados ao real). Toda a manipulação mental envolve atos invasivos do outro, tanto dos seus estados emocionais como cognitivos. A “invasividade” da manipulação decorre da descoberta e operacionalização de uma vulnerabilidade e/ou recetividade por parte da vítima. McGinn é perspicaz na compreensão da manipulação emotiva, e da sua importância no processo:

“As emoções intervêm de duas maneiras no projeto de foder o juízo às pessoas como meio e como fim. Como fim, o seu objetivo é produzir um estado de perturbação emocional (e isto pode servir a um fim ulterior); como meio, alcança-se jogando com as vulnerabilidades da vítima. (...) Quem fode o juízo irá jogar tipicamente com as ansiedades e inseguranças

*da vítima, de maneira a produzir um conjunto de crenças falsas, que levará então à perturbação emocional, que é o objetivo.*¹⁹

Na manipulação mental, como sublinha o autor, não está em jogo a verdade ou a mentira – ambas são indiferentes ao perpetrador - mas a dominação do outro. Enquanto relação de poder, a manipulação é sempre uma forma de instrumentalização: levar alguém a agir, mas também a pensar e a sentir, de acordo com um interesse oculto. Esse interesse pode ser variado, incluindo o prazer da manipulação ou a destruição da vítima. Mas faz parte do processo a revelação do logro, acompanhada de happening caótico. Ou seja, é necessário o desengano de Otelo, para que ele se experimente como contradição absoluta, “assassino honrado”, e, por fim, como desmodalizado, perdendo as suas qualidades características: “Aquele que foi Otelo sou eu”.

Para que se produza o caos da desilusão global é sobretudo necessário que haja confiança lograda, mas também manipulação e armadilha. O resultado final será pois a desmodalização da subjetividade: a descaracterização do indivíduo. Privado e sem a orientação do/no mundo, o indivíduo encontra-se sem querer ou poder, sem a vida da vontade que brota da afirmação de si e do seu lugar no mundo.

Uma forma de dominação pelas fraquezas

Inventariámos várias estratégias. Podemos retirar já algumas conclusões relativas a este jogo de poder: 1) entre a vítima (Otelo) e a camaradagem dos lobos (Merteuill e Valmont) existem ações alternativas possíveis, mas o jogo é de prisão e armadilha; 2) é um jogo que o conceito de jogo tem dificuldade em compreender na sua inteligibilidade, fundamentalmente porque é-lhe próprio evadir-se ao jogo imanente das relações de poder. 3) fazer enfraquecer e definhar é, apesar de tudo, uma relação de força. Mas, como vimos, não se centrando no agonismo entre pares, é um jogo de força que apela a uma “comunidade”.

Por que é o jogo impossível? Há várias razões para a reciprocidade dos relacionamentos ser impossível. Obviamente, a má-fé é a primeira.²⁰ O personagem viscoso “está de má-fé”; possui sempre uma intenção inconfessável, primeiramente produzir e capturar a fraqueza alheia, que não pode evidentemente ser expressa no jogo da relação. Mas a má-fé do viscoso alimenta-se profundamente de uma imagem transcendente da vida. O visco subscreve a “sabedoria” popularizada pelo ditado “quanto mais magro está o cão mais atacado é da sarna”.

Subscreve-a e interpreta-a como um mandamento prático – o que é suficientemente diferente. É diferente porque não se trata apenas de reconhecer o hábito que os fracos possuem de atacar o fraco, ou de sublinhar que a fraqueza fragiliza, mas, se presume assim, de forma pouco notada, uma imagem global e transcendente da vida. A vida seria essencialmente sobrevivência, por um lado, e a sua vida, na verdade inconfessável de toda a vida, seria uma vida parasitária, por outro²¹. Obviamente, tal imagem da vida, a que estaríamos todos submetidos, sacrifica não apenas outras imagens da vida, mas, sobretudo, sacrifica a uma visão transcendente a pluralidade humana e a possibilidade de reciprocidade na relação²².

A essa imagem da vida corresponde um comportamento caracteristicamente oportunista. O que importa é extrair consequências – parasitariamente - de uma ação. Deste ponto de vista, não é o ato em si que importa, mas o desenrolar de consequências. Trata-se sempre de explorar e extrair consequências das ações de outrem, e evitar ao máximo qualquer ação própria; e, na inevitabilidade de ter de agir, há que evitar a sua visibilidade. Essa extrema atenção às consequências é complementada e exercitada por uma competência para o estratagema, naquilo que o estratagema contém de ardil (captura) e de antecipação (plano). Mas o estratagema oportunista é distinto do poder entendido como jogo, como ação criadora, naquilo que possui de iniciador e de livre, assim como é distinto do poder como projeto, enquanto ação mobilizadora dirigida ao futuro.

Pelo que acabámos de expor, e através de diferentes meios, o visco produz, tanto quanto captura, fraquezas: reinterpreta, dramatiza, manipula e até mesmo ocasiona fraquezas através de armadilhas. Todas estas ações pertencem a uma mesma estratégia: poder fazer debilitar, tornar vulnerável, enfraquecer. Competiria à vítima – quando o é - não se deixar envenenar, não acreditar em mentiras nem pactuar com falsificações, ou – mais difícil – não se deixar enredar exteriormente e enrolar (nas suas “contradições”) internamente. Competiria à vítima, mais ativamente, não se tornar cúmplice da sua destruição. E fá-lo normalmente de duas formas: presta-se ao uso e à manipulação e torna-se conivente através da troca de fraquezas, que é o “elemento” nivelador da relação.

O funcionamento social do visco – uma investigação futura

Conhecer um inimigo já nos ajuda no combate. Conhecer a nossa (comum) responsabilidade na produção de teias viscosas é igualmente importante. Ao longo deste texto fomos identificando alguns traços do funcionamento social

do visco; o que nos parece adequado apenas a certas circunstâncias. Nesse funcionamento social se distingue o visco atual do visco no mundo aristocrático de Otelo, e, mesmo, no espaço de intriga social (mas delimitado) de Ligações perigosas. Talvez essa possibilidade se deva ao atual crescimento da esfera social, apontado por Arendt²³, com a consequente diluição entre o privado e o público, e à alienação em relação às ordenações do mundo.

Apesar dessa diferença, permanecem muitas semelhanças. A situação precária do viscoso – que antes dos motivos biográficos repousa no facto mundano de não poder ser (manifestamente) o que é²⁴ – leva-o a urdir permanentemente redes de fragilidade: pequenas sociabilidades nas diversas “boas” sociedades. Criar teias (de fraqueza) é o modo infundável de se inserir (socialmente) e estabilizar provisoriamente a sua posição, e, claro, uma forma de dominação.

Estas anotações começaram por ser uma resposta a uma pergunta sobre a casa – tema dos trabalhos deste ano. Essa pergunta era “o que impede o nosso habitar”? O visco é uma das respostas. Nada é mais nefasto à compreensão da pluralidade humana do que as diferentes imagens da unidade do homem (não há casa comum para a Humanidade porque não há Humanidade). Nada é mais nefasto para o livre viver-em-comum do que não ter força para organizar essa pluralidade, nomeadamente nas linhas duras em que necessariamente também se opõe uma ideia do bem e uma ideia do mal, ou uma ideia de justiça e de injustiça.

Procurámos conhecer um inimigo ridículo de baixeza (distinto da magnitude literária de Iago, Merteuill e Valmont), mas nem por isso inofensivo; e, portanto, não será impossível encontrar estratégias de resistência, ou de distância, pelas quais o quotidiano não se transforme num pequeno inferno. A primeira forma de resistência é uma atenção mais exigente. Por isso, procurámos reconhecer algumas das características manifestas do comportamento viscoso, tarefa tanto mais necessária quanto o seu carácter é dissimulado mas não invisível.

NOTAS

¹ Humor tanto mais necessário quanto o visco é pesado em relação aos outros, incluindo no humor.

² A “invisibilidade” do visco é, em parte, o contraponto da nossa insensibilidade complacente e pantanosa.

³ Se Iago, em Otelo, é a melhor apresentação do personagem viscoso, e da sua estratégia de isolamento de Otelo, As Ligações Perigosas exibem melhor o funcionamento social do visco. Estas duas obras servir-nos-ão de guia.

⁴ No extremo oposto, encontramos esse excesso de força que designamos habitualmente como “bestial”, elogiada por Maquiavel.

⁵ Usamos como modelo dessa relação o agonismo, que tem expressão discursiva no diálogo competitivo (Arendt), ou no jogo da ação (Foucault). Como veremos, o visco escapa-se a esse modelo, que é, aliás, empiricamente raro; o que torna maior a possibilidade de o visco grassar.

⁶ SHAKESPEARE, W. (2009) Otelo. Estarreja: Mel Editores: 57.

⁷ Id.: 88

⁸ Id: 113

⁹ DE LACLOS, Ch. (1990) As Ligações Perigosas. Lisboa: Círculo de Leitores: 185.

¹⁰ A memória do viscoso é longa, exercitada na necessidade de manter a mentira, no ressentimento, na inveja.

¹¹ NIETZSCHE, F. (1997) Para uma genealogia da moral. Lisboa: Círculo de Leitores.

¹² A vergonha, a humilhação, o vexame, o enxovalho, ou qualquer outra forma de punição sócio-moralista (semi-pública) desempenharão um papel central: distorcendo a ação e substituindo-se mesmo à ação. Eleva assim a uma potência superior a constatação irónica, de Nietzsche, que se convive melhor com uma má consciência do que com uma má reputação.

¹³ Basta lembrar que Otelo e Ligações perigosas, apesar das suas muitas diferenças, têm os seus dramas ancorados na “intimidade”.

¹⁴ DREYFUS et RABINOW (1983) Michel Foucault. Un parcours philosophique. Paris : Gallimard.

¹⁵ Podemos anotar dois aspetos complementares e consequentes. Por um lado, as fraquezas passam a ser os atributos da vítima – traços da sua verdadeira “identidade” - por outro, repousando a verdade no abismo da interioridade, terá a escala que o intérprete lhes quiser dar.

¹⁶ Sobre as vulnerabilidades, veja-se o notável estudo de MCGINN, C. (2009) Não me F**** o juízo. Bizâncio.

¹⁷ O autor aproxima, na sua análise, fenómenos muito distintos, como a lavagem cerebral, a doutrinação ideológica ou a crença dominante. Estes diferentes fenómenos apenas podem ser aproximados de um ponto de vista dos efeitos “interiores”.

¹⁸ MCGINN, C. (2009) Não me F**** o juízo. Bizâncio: 35.

¹⁹ MCGINN, C. (2009) Não me F**** o juízo. Bizâncio: 52-53.

²⁰ Fernando Gil forneceu uma excelente caracterização da má-fé. Ver: GIL, F., TUNHAS, P., COHN, D. (2003) Impasses. Lisboa: Publicações Europa-América.

²¹ Citemos, como exemplo, um facto decorrente dessa imagem, o de a generosidade se lhes tornar irreconhecível mas serem vorazes em relação ao mundo.

²² Essa visão é sempre confirmada e expressa em máximas como “As pessoas são hipócritas” ou “Todos temos telhados de vidro”. É-lhe necessária a imagem degradada do humano.

²³ ARENDT, H. (s/d) A condição humana. Lisboa: Relógio D’Água.

²⁴ Iago di-lo da melhor forma: “ I am not who I am”.